
Formação de professores para a mediação de leitura antirracista na Escola Cartilha Digital – “Ações afirmativas para a construção da cidadania e redução das desigualdades sociais.”¹

Sergio dos Santos Clemente Júnior²
Camila Canuto Dias de Mello³

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Capivari, SP

Resumo

Discussões sobre gênero, raça e sexualidade frequentemente estão presentes no ambiente escolar, mas, pela nossa experiência enquanto professores na rede pública do Estado de São Paulo, elas ocorrem diante da mediação de conflito entre os alunos. A proposta desse artigo é apresentar a Cartilha Digital - “Ações afirmativas para a construção da cidadania e redução das desigualdades sociais.” como um modelo de prática que possa aprimorar a comunicação entre os servidores da escola, servindo principalmente como um espaço digital para o registro da formação antirracista de professores a partir da mediação da leitura de obras sobre a cultura negra. A educação antirracista precisa fazer parte da formação de professores, para que a partir da discussão desses relevantes temas entre os docentes, os mesmos cheguem de maneira efetiva aos estudantes.

Palavras-chave: 1. Comunicação; 2. Educação Antirracista; 3. Formação de Professores; 4. Mediação de Leitura; 5. Tecnologias da Informação – Cartilha Digital.

O Cenário: A Escola e o ensino da Cultura Negra

A Constituição da República de 1988 já garantia no artigo 206 que a educação era um direito de todos e um dever do Estado: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico. XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Sócio da INTERCOM. Aluno do PGEL – Pós-Graduação em Ensino de Línguas do IFSP Câmpus Capivari, Publicitário, Mestre em Comunicação (ECA/USP), Licenciado em Letras Português-Espanhol e Português-Inglês, Gestor Público e professor da rede estadual de ensino de São Paulo – e-mail: prof.sergio.clemente@gmail.com

³ Gestora Pública e professora da rede estadual de ensino de São Paulo - e-mail: lamicatonuca@gmail.com

visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Mesmo sendo uma reivindicação antiga do movimento negro no Brasil em suas mais variadas expressões, a proposta de se discutir temas relacionados à cultura afro-brasileira na escola se inicia no campo legal com a instituição da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que além de prever os princípios e fins da educação nacional, busca vincular esses esforços ao mundo do trabalho e às práticas sociais. A LDB dispõe em seu §º 2º do artigo 1º:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII - valorização do profissional da educação escolar;
- VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX - garantia de padrão de qualidade;
- X - valorização da experiência extra-escolar;
- XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

A LDB cumpre então o seu papel não só de estruturar a educação nacional, mas de estabelecer a Escola como espaço de pluralismo de ideais, nas quais a liberdade de aprender, de ensinar, de pesquisar e de divulgar a cultura brasileira em sua totalidade deve ser garantida e preservada.

No entanto, somente em 2003, durante o governo de Luis Inácio Lula da Silva, é que o movimento antirracista cresceu e sensibilizou o cenário político no Brasil, levando à aprovação da Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003, documento legal que acrescentou à LDB um outro princípio, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Essa alteração legislativa destacou:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Mello, Clemente Júnior e Beloti Filho (2021) já afirmaram que é de conhecimento de todos que a contribuição do negro na construção do povo brasileiro é fundamental e deve ser amplamente estudada para que a partir dessas discussões o Brasil possa enfim entender que o negro é parte da nossa matriz cultural, e as raízes de um povo nunca devem ser esquecidas, e ressaltam que:

“Temos a graça de presenciar ações culturais afirmativas na pintura, na qual se destaca o nome de Heitor dos Prazeres, também compositor, na música, com nomes como Dorival Caymmi, Cartola, Nelson Cavaquinho e Pixinguinha. Na literatura com Machado de Assis, Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, na engenharia com André Rebouças, na política com Luiz Gama, José do Patrocínio, e com grandes atores como Grande Otelo, Abdias do Nascimento, sem se esquecer de heróis nacionais como João Cândido, o Almirante Negro e Zumbi dos Palmares.” (MELLO, CLEMENTE JÚNIOR, BELOTI FILHO, 2021)

Entretanto, o ideal de se construir uma sociedade livre, justa e solidária, de erradicar a pobreza e a marginalização reduzindo as desigualdades sociais, de promover o bem estar de todos, sem preconceitos de qualquer gênero ou espécie, como é apregoado pelo Art. 3º da nossa Constituição Cidadã, nos parece cada vez mais distante e difícil de tornar-se realidade.

Gomes (2003a, p.77) nos ensina que ao se tratar do ambiente escolar, “compreender, debater e problematizar a cultura negra, não podemos desconsiderar a existência do racismo e da desigualdade entre negros e brancos em nossa sociedade”, e complementa o raciocínio afirmando que

“A Escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde elas podem ser superadas” (GOMES, 2003a, p.77)

Assim surgiu a ideia de desenvolver um espaço digital que possa aprimorar a comunicação entre os servidores da escola, sobretudo os professores, cuja proposta é servir de um espaço de registro das ações e esforços já desenvolvidos pela comunidade

escolar em relação às questões de convívio social diante da pluralidade sócio cultural que encontramos no ambiente escolar, a partir da exploração e da valorização do acervo literário antirracista disponível na Unidade Escolar e de textos selecionados pelos próprios servidores que tratem dos temas em debate.

Esse espaço foi inicialmente chamado de Cartilha Digital – “Ações afirmativas para a construção da cidadania e redução das desigualdades sociais.”

Intervenção Proposta: A Cartilha Digital - “Ações afirmativas para a construção da cidadania e redução das desigualdades sociais”

A proposta da Cartilha Digital foi desenvolvida como Produto Final do Projeto Integrador do Curso de Tecnologia em Gestão Pública concluído pelos autores Sergio Clemente e Camila Mello em 2021, na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP), em parceria com a Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC-SP), e busca, como foi apresentado no INTERCOM Júnior, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2021, realizado virtualmente na cidade do Recife – PE, “auxiliar a comunidade escolar no desenvolvimento de ações afirmativas baseadas nas questões éticas a partir da nossa história com vistas à efetiva construção da cidadania dentro e a partir da Escola Pública.” (MELLO, CLEMENTE JÚNIOR, BELOTI FILHO, 2021).

É por acreditar que a Educação seja o único caminho para a evolução e o crescimento de uma sociedade, que a escolha por desenvolver no Projeto Integrador uma intervenção em Recursos Humanos que trabalham em uma unidade escolar, foi feita. A Escola, sobretudo a pública, deve ser construída para que represente um ambiente saudável à discussão para todos os públicos que nela circulam, e isso inclui não somente os alunos, mas as famílias e a comunidade do entorno escolar. Esse espaço deve valorizar, a partir do debate, a construção da cidadania dos jovens educandos, a fim de buscar minimizar as grandes diferenças percebidas na vida em sociedade ao longo da nossa história. Da mesma forma, acreditamos na força de um ator que faz parte dos Recursos Humanos da Escola – o Professor. Seja ele um servidor estável ou um contratado pelo poder público para lecionar na escola a cada ano letivo.

O Professor sempre será um exemplo aos seus estudantes. Quando bem capacitado, ele certamente conseguirá tratar em suas aulas de questões relevantes como

as de cunho étnico raciais de caráter sócio histórico, de maneira mais sutil, mostrando que, na verdade, as diferenças vivem dentro da cada um, e que quando as minimizamos, tornamos o espaço mais agradável para o convívio de todos, e muito mais saudável para a construção efetiva da cidadania.

Para que a Cartilha Digital possa se configurar em um espaço digital para aprimorar a comunicação entre os servidores da escola, foram identificados como *stakeholders* a Equipe da Gestão Escolar da Unidade (Diretor, Vice-Diretor, Coordenadores e Supervisão de Ensino), os Servidores (professores, equipe técnico-administrativa e contratados), os Alunos, os Pais e a Comunidade do entorno escolar. Mas são os professores o principal público, aos quais propomos que a Cartilha Digital seja utilizada como espaço de registro das formações / capacitações relacionadas à mediação de leitura de obras de autores negros e que tratem da igualdade social e temas antirracistas, disponíveis no acervo da Sala de Leitura, antes conhecida como a biblioteca escolar.

Desenvolvida em formato digital a Cartilha conta com cinco ABAS, e está hospedada na internet no Wix.com, plataforma para criação e hospedagem de websites. A plataforma Wix foi escolhida por ser livre para colocar qualquer tipo de texto, imagem ou vídeo. O que também pesou na escolha dessa base tecnológica foi o fato dela ser gratuita e de se adaptar automaticamente para versão móvel (celular/tablet ou desktop PC), sendo assim acessível a todos com acesso a internet.



Página Inicial: <https://cartilhadigitaligu.wixsite.com/igualdade>

[Página principal](#) [Conhecendo o projeto](#) [Um pouco da história](#) [Legislação pertinente](#) [Leitura complementar](#) [Ações afirmativas](#)

Conhecendo o projeto

Projeto de Capacitação de Recursos Humanos na Escola

O Projeto que o grupo desenvolveu tem como propósito instituir intervenções em Recursos Humanos (Gestão de Pessoas) no âmbito da escola pública por meio da capacitação dos servidores (gestores, professores e demais funcionários) da EMEF Professor Theodomiro Monteiro do Amaral, com o intuito de incentivar práticas pedagógicas que propiciem ações afirmativas que possam minimizar as desigualdades sociais no ambiente escolar, ações estas apoiadas em questões sócio histórica e de cultura afro-brasileira, buscando a melhoria do ambiente escola para a construção da cidadania.

Justificativa

1ª ABA - Conhecendo o Projeto (apresenta na descrição do projeto, sua justificativa, e a descrição da Unidade Escolar na qual a capacitação vai acontecer.)

[Página principal](#) [Conhecendo o projeto](#) [Um pouco da história](#) [Legislação pertinente](#) [Leitura complementar](#) [Ações afirmativas](#)

Um pouco da história



O brasileiro tem descendência europeia, africana e indígena, mas esse histórico pouco contribuiu para a criação de uma identidade nacional consistente. Além

2ª ABA - Um Pouco da História (apresenta um pouco da história do racismo no Brasil a partir de fatores históricos e estatísticas da situação atual que mostram um pouco da realidade social).

[Página principal](#) [Conhecendo o projeto](#) [Um pouco da história](#) [Legislação pertinente](#) [Leitura complementar](#) [Ações afirmativas](#)

Legislação pertinente

Leis que regem o tema e leis no âmbito escolar

Diferença entre racismo e injúria racial:

RACISMO: Previsto na Lei nº 7.716/1989. É um crime contra a coletividade e não contra uma pessoa específica. Realizado por meio da verbalização de uma ofensa ao coletivo, ou atos como recusar acesso a estabelecimentos comerciais ou elevador social de um prédio. É inafiançável e imprescritível. A pena vai de um a três anos de prisão, além de multa.

INJÚRIA RACIAL: Está especificado no Código Penal – artigo 140, terceiro parágrafo. É quando uma ou mais vítimas são ofendidas pelo uso de "elementos referentes à

3ª ABA - Legislação pertinente (apresenta as leis que regem o tema no Brasil até chegar no âmbito escolar).



Página principal Conhecendo o projeto Um pouco da história Legislação pertinente Leitura complementar Ações afirmativas

Leitura complementar

A contribuição do negro na construção do povo brasileiro é fundamental e deve ser estudada para que a partir dessas discussões o Brasil possa enfim entender que o negro é a nossa raiz, e as raízes de um povo nunca devem ser esquecidas.

Temos a graça de presenciar ações culturais afirmativas na pintura, na qual se destaca o nome de Heitor dos Prazeres, também compositor, na música, com nomes como Dorival Caymmi, Cartola, Nelson Cavaquinho e Pixinguinha. Na literatura com Machado de Assis, Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, na engenharia com André Rebouças, na política com Luiz Gama, José do Patrocínio, e com grandes atores como Grande Otelo, Abdias do Nascimento, em se esquecer de heróis nacionais como João Cândido, o Almirante Negro e Zumbi dos Palmares.

4ª ABA - Leitura Complementar (apresenta a sugestão de literatura da área)



Página principal Conhecendo o projeto Um pouco da história Legislação pertinente Leitura complementar Ações afirmativas

Ações afirmativas

Capacitação com discussões colaborativas para o desenvolvimento de ações educacionais afirmativas sobre os temas propostos.

Conteúdo Programático:

1º encontro

- Cerimônia de abertura pela Gestão Escolar
- Apresentação da proposta de Capacitação – pela equipe de treinamento
- Apresentação da cartilha/site/plataforma – pela equipe de treinamento
- Dinâmica em grupo – Brainstorming para o diagnóstico sobre os temas a partir do uso de post-its coloridos (no presencial) e / ou usando a plataforma Google Jamboard (no online).

5ª ABA - Ações Afirmativas da Escola (A aba se apresenta em formato de Blog, para trazer a possibilidade de alimentação de conteúdos pela Gestão Escolar. Todo o desenvolvimento da Capacitação deverá nesta aba ser registrado).

A Cartilha Digital visa então, como já foi dito, apresentar um modelo de prática que possa aprimorar a comunicação entre os servidores na Escola, com a proposta de contribuir com os esforços já desenvolvidos pelos servidores com relação às questões de convívio social diante da pluralidade sócio cultural que encontramos no ambiente escolar.

A proposta é que durante a formação dos professores para o tema do antirracismo e das questões culturais afrodescendentes seja explorado o acervo bibliográfico da Sala de Leitura da Unidade Escolar (aproveitando o que se tem em casa), além da inclusão de obras de referência (teóricas e / ou literárias) sugeridas pelos próprios docentes e / ou por especialistas no assunto, para enriquecer as discussões entre

os membros da comunidade escolar, chegando ao aluno por meio da mediação de leitura feita pelos professores.

Dessa forma, a ABA 5 - Ações Afirmativas da Escola - é um espaço pensado para a construção coletiva da comunicação pública entre os pares, desenvolvida durante os processos de capacitação da comunidade escolar sobre os temas propostos, espaço este que permite o compartilhamento de propostas e o desenvolvimento de futuras ações pedagógicas voltadas para a ampliação do tema, configurando-se assim, como um canal de replicabilidade e compartilhamento de informações entre todos os *stakeholders* envolvidos no projeto.

Formação de Professores por meio da mediação da leitura crítica antirracista na escola:

“Vimos que a leitura é uma experiência singular. E que como toda experiência, implica riscos, para o leitor e aqueles que o rodeiam.” (PETIT, 2008, p.147). Essa frase resume bem o pensamento da Michèle Petit, antropóloga francesa que em sua obra “Os jovens e a leitura” brinda seus leitores com novas perspectivas a cerca da leitura mediada (dentro e fora de ambientes escolares) o que definitivamente concordamos muito.

A leitura dessa obra é recheada de exemplos de como a experiência das pessoas com os livros e, sobretudo, com os mediadores que aproximam estes daqueles, nos faz perceber o quão importante é a presença dos bons exemplos na vida de um leitor. Petit diz que a leitura é “uma história de encontros” (p.148), e que os mediadores exercem um papel de legitimar e de autorizar esse encontro seguro, criando e / ou solidificando os desejos de se aventurar nos conteúdos dos livros.

Em seus relatos, Petit (2008), a partir de suas entrevistas, apresenta falas como “A biblioteca [...] era um lugar com vida, onde aconteciam coisas.” (p.152). São falas como esta que comprovam a importância de se dar vida ao espaço onde tais encontros acontecem, e aqui referenciamos todo o ambiente escolar com seus diferentes atores, principalmente os professores.

Afirma ainda que “um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, pode se tornar letra morta se ninguém lhes der vida” (PETIT, 2008, p.154). Agora, a quem a autora atribui essa tarefa? Em especial aos mediadores de leitura, que podem se

configurar em atores dentro e fora da escola, ainda que no livro lembre, em especial, os espaços das bibliotecas, dando luz a um ator quase sempre associado à documentação e organização do acervo – o bibliotecário.

A autora apresenta uma de suas principais assertivas quando afirma que são os mediadores que devem dar a oportunidade da escolha dos livros a serem lidos pelos leitores. Criar desejo pela leitura requer autonomia de escolha. E essa escolha fará total sentido quando o leitor tiver acesso para explorar o acervo e descobrir tudo o que se tem para ler dentro de uma biblioteca, nesse nosso cenário, escolar. É o que a autora caracteriza como “a alquimia do carisma”, no qual “textos absurdos, empoeirados, de repente ganham vida” nas mãos e sob os olhos do leitor curioso (p.160).

Aqui, pedimos licença para apresentar um pouco da realidade de um de nossos autores, o professor de línguas Portuguesa, Espanhola e Inglesa, o prof Sergio Clemente, que enquanto professor na rede pública do estado de São Paulo está à frente da Sala de Leitura na E.E. Edgard Francisco, no município de Taboão da Serra – SP. Esse breve relato ressalta que o caminho trilhado na Escola como “Professor Coordenador da Gestão da Sala de Leitura” está sendo conduzido com a “hospitalidade do bibliotecário”, termo sugerido por Petit (2008, p.162). Ainda que a Sala de Leitura na E.E. Edgard Francisco esteja longe de estar pronta para as efetivas ações de leitura junto aos alunos (já que a estrutura da reforma foi entregue em março e as prateleiras entregues somente em maio/22), algumas propostas que já estão sendo colocadas em prática vêm mostrando que a tal “hospitalidade do bibliotecário” começa com pequenas ações recheadas de amor, que proporcionam experiências significativas ao leitor. Ações como atribuir pequenas tarefas aos alunos (leitores), ou parar o trabalho que se estava fazendo para atender a um aluno que perguntou “pro... o que eu posso ler”, e conduzi-lo a um título que o professor havia lido quando adolescente (a saber: “O Rapto do Garoto de Ouro” – Marcos Rey), lendo um trechinho do livro com o aluno, fez total sentido quando da leitura da obra de Petit. Mas o árduo “umbral” a ser transposto no “Edgard” (e em inúmeras outras Unidades Escolares pelo Brasil) talvez seja a falta de brilho, de desejo, e, sobretudo de amor, por parte dos professores para com a rica oportunidade que os livros e a sua leitura podem proporcionar aos estudantes, em especial às obras ligadas à cultura afro-brasileira, indígena e de autores negros, que fazem parte da nossa significativa formação cultural.

Esse breve relato é para confirmar o que, quando da realização da pesquisa para a proposição da Cartilha Digital (ainda enquanto alunos na UNIVESP / FATEC-SP) nos deparamos com a realidade de que os temas sobre racismo e desigualdade social fazem parte das discussões realizadas na escola, sobretudo com as questões sócio-raciais que envolvem os relacionamentos entre os alunos e seus pares. Quanto aos professores, por vezes durante as entrevistas destacamos falas contraditórias que se relacionavam muito mais com (IN)tolerância do que com a efetiva consciência da importância da ampliação e efetiva discussão das questões relacionadas à cultura afrodescendente no ambiente escolar para e na formação da identidade cidadã do estudante.

Efetivar tais discussões dentro da Escola significa a garantia de respeito ao que nos orienta a Lei Nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, mas, como efetivar essas discussões quando entre os professores temos um corpo muito heterogêneo de profissionais, cercado por vezes, do racismo velado, da cegueira causada pelos dogmas religiosos enraizados e da intolerância descarada às ricas diferenças presentes em nossa sociedade? E pior, que muitas vezes não conhecem os livros sobre os temas em questão presentes no acervo da Escola.

A tentativa então, de contribuir para esses espaços de discussão saudável para a construção da cidadania, vem com a proposta da formação de professores para a mediação de leitura crítica antirracista na escola por meio da exploração e da escolha de títulos sobre o tema, da leitura compartilhada e da proposição de ações afirmativas junto aos alunos. A Cartilha Digital – “Ações afirmativas para a construção da cidadania e redução das desigualdades sociais.” servirá como um repositório dessas reflexões, construindo-se como um indicador das obras selecionadas pelos docentes em capacitação, da proposição e da descrição de tarefas a serem realizadas junto à comunidade escolar (a ideia é que inclusive extrapole os muros da escola), e, sobretudo, como um registro dos combinados estabelecidos entre os pares, o que deve incluir as maneiras de acompanhamento e avaliação das ações propostas pelo grupo.

Segundo Mello, Clemente Junior e Beloti filho (2021), a escolha pelo tema da intervenção comunicativa de treinamento em Gestão de Pessoal a partir das questões étnico-raciais das culturas afro-brasileira, africana e indígena se dá pela importância cultural da nossa origem formativa, e levando em consideração as estatísticas brasileiras que na sociedade, indicam forte presença do racismo velado e estrutural.

Vivemos tempos sombrios na Área de Educação, mas o educador precisa atuar com amor, não pode perder o foco do nosso real e efetivo trabalho – o estudante.

Abrir portas e janelas, deixar a oportunidade se instaurar na vida dos estudantes é mais do que o nosso papel diário, é o nosso dever moral diante de uma sociedade tristemente castigada pela constante falta de respeito, e acreditamos que esse caminho possa ser trilhado pela leitura mediada de obras sobre as temáticas do antirracismo e das culturas ancestrais. Aqui, talvez esteja uma das tarefas mais importantes que precisamos a cada dia, tentar realizar, tentar mudar, para tentar minimizar essas fortes injustiças, e isso significa criar pontes entre os estudantes e as oportunidades que a leitura pode trazer para a sua vida, mas como sabiamente nos ensina Petit...

“Para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor.”
(PETIT, 2008, p.161)

Mas, como construir tudo isso se os professores mal / não conhecem o acervo literário da escola e / ou pouco o utiliza junto aos alunos?

Um primeiro passo é explorar o acervo de cada Sala de Leitura (biblioteca escolar). De posse das obras disponíveis nesse acervo, o diálogo, a discussão, o incentivo à leitura, sobretudo de obras de autores negros deve fazer parte do processo de formação de professores. Uma vez capacitados, o processo de incentivo à produção de alunos Pretos e Pardos em atividades didáticas e de contra turno, poderá abrir espaço para que os temas sejam debatidos com mais seriedade, buscando a equidade de raça e construindo cidadãos mais conscientes, que baseiam suas falas e atitudes a partir do respeito ao próximo. Discussões desenvolvidas nesse nível certamente incentivarão discussões paralelas que venham a acontecer no seio das famílias, no seio da sociedade, extrapolando os muros da Escola, que deve desenvolver ações afirmativas de maneira contínua e cada vez mais sólida.

Outro ponto importante nos processos formativos dos professores é identificar como e em que momento as questões sobre a cultura negra são trabalhadas na Escola. Na realidade profissional dos autores deste artigo (ambos, professores em escolas públicas da rede estadual paulista), é possível perceber que as questões estão presentes em suas Unidades Escolares, mas ainda muito restritas aos momentos de reuniões

pedagógicas, de planejamento escolar ou eventos temáticos, como por exemplo, em eventos comemorativos como o Dia da Consciência Negra.

Dessa forma, valorizar a leitura de obras de autores negros e que tratem de temas antirracistas poderão expandir esses momentos de discussão sobre a cultura negra para a prática docente diária, fazendo com que os temas circulem entre os diferentes componentes curriculares e sejam tratados por diferentes perspectivas e pontos de vista.

É igualmente importante conhecer como e em que momento as questões sobre o racismo são trabalhadas na Escola. A partir dos exemplos apresentados das obras do acervo da Sala de Leitura, a leitura mediada pelos professores também poderá se constituir em espaços de discussão mais sólidos junto aos alunos durante as aulas, fazendo com que tais discussões não se restrinjam apenas aos momentos de mediação de conflitos.

O professor faz parte da formação cidadã do indivíduo e precisa ter “bagagem”, precisa estudar, precisa se atualizar e saber, sobretudo, tocar nas feridas do outros com empatia e respeito. A omissão diante de situações delicadas pode representar conivência. Já dizia o velho ditado popular que “quem cala consente”.

Considerações Finais

As discussões sobre os temas ligados a raça, gênero e sobre a cultura em geral fazem parte do ambiente escolar, mas por vezes, se presencia que tais abordagens acontecem somente quando da mediação de conflitos entre os membros da comunidade escolar, principalmente entre os alunos.

Desenvolver então a cultura da discussão saudável sobre esses temas, em particular sobre o antirracismo, deve partir da formação dos professores com base no acervo literário das Salas de Leitura das Unidades Escolares.

Não basta dizer que é contra o racismo. Precisamos sim de ações mais efetivas contra o racismo. Precisamos ser ANTIRRACISTAS.

A proposta da Cartilha Digital - “Ações afirmativas para a construção da cidadania e redução das desigualdades sociais.” traz a oportunidade de colocar em pauta ricas reflexões sobre quem somos nós, e de onde nós viemos.

Lutar contra o racismo e o contra o preconceito em todas as suas formas não é um trabalho solitário de quem é preto ou de quem, por qualquer motivo, sofre discriminações. Esse é um trabalho de todos nós, de todos os brasileiros, e como educadores, nos colocamos como responsáveis por criar nas Escolas nas quais trabalhamos espaços para que essa discussão aconteça, para que a nossa história seja (re)construída de maneira mais justa e mais igualitária.

E como educadores, acreditamos que temos do nosso lado um forte aliado – O Livro. Mas como bem nos ensinou Petit, não se ensina aquilo que não aprendeu, não se dá a oportunidade ao outro de se apaixonar pelos textos aquele que não bebeu dessa fonte.

Essa é a nossa proposta, buscar fazer um pouquinho, para que aos que “beberem dessa fonte” sejam contaminados por bons exemplos e por mais respeito ao outro, seja ele igual ou diferente de nós.

A Cartilha Digital, então, servirá como repositório dessas discussões, servindo de ponto de partida, ponto de apoio e de registros finais de cada capacitação de professores.

Referências Ampliadas

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G. **Relações Raciais na Escola: Reprodução de Desigualdades em Nome da Igualdade**. Brasília: UNESCO, INEP, Observatório de Violência nas Escolas, 2006. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001459/145993por.pdf>

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; ANTUNES, Cláudia Pereira; MEINERZ, Carla Beatriz. **Interculturalidade e educação das relações étnico-raciais**: reflexões sobre a aplicação da Lei 11.645/08 no Rio Grande do Sul. Revista Periferia, v.7 n.1 jan-jun 2015. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/viewFile/21966/15945>

BRASIL – Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 19 de julho de 2022.

BRASIL – Casa Civil. **Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996** – LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 19 de julho de 2022.

BRASIL – Casa Civil. **Lei Nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei Nº 9.394/96 – LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em 19 de julho de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago, 2003a, Nº23. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XknwKJnzZVFpFWG6MTDJbxc/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 09/08/2022.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Diversidade Étnico-Cultural**. In: Diversidade na Educação. Reflexões e experiências. Brasília. Ministério da Educação. 2003b

MEC - **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>

MELLO, Camila Canuto Dias de. CLEMENTE JÚNIOR, Sergio dos Santos. BELOTI FILHO, José Acácio. **Comunicação e Educação para a Cidadania: Cartilha Digital – “Ações afirmativas para a construção da cidadania e redução das desigualdades sociais**. Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife / PE, 2021.

PETIT, Michèle. **Os Jovens e a Leitura**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

ROCHA, T; GOLDSCHMIDT, A. **Gestão dos Stakeholders**: Como gerenciar o relacionamento e a comunicação entre a empresa e seus públicos de interesse. São Paulo: Saraiva, 2010.

ROMÃO, Jeruse. **Educação, instrução e alfabetização no Teatro Experimental do Negro**. In: ROMÃO, Jeruse (org.). A história da educação do negro e outras histórias. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.